



← Falou em improvisação, isso quer dizer que deixou elementos à consideração dos intérpretes? Não, eu posso improvisar, eles não! Referia-me à minha própria improvisação no processo de escrita das vozes, no sentido de não haver uma regra teórica. Cada personagem, em momentos diferentes da ópera, tem um tipo de música, uma atitude melódica e rítmica semelhante. Se você me pede “posso fazer-lhe uma entrevista?”, pode dizê-lo com ritmo e velocidade diferentes [exemplifica enunciando a frase pausadamente e depois mais depressa]. Há uma leitura minha do texto que vai desencadear o ritmo, a velocidade e outros elementos. Isto acontece em tudo, não uso nesse ponto uma estrutura pré-fabricada, é feita “à mão”. Interferiu na escolha da encenadora, da coreógrafa e do elenco ou foram opções da direcção do teatro?

Como é do domínio público, nesta casa de ópera houve muitos problemas de direcção e administração. Normalmente, uma ópera nova que se faz pela primeira vez é muito problemática. Não é o mesmo que fazer “La Traviata”, aí sabe-se com o que se conta. Oito meses antes da estreia não havia nem elenco, nem encenador, nem nada, foi um problema e tiveram de ser tomadas as devidas providências. Mas devo dizer que tive muita sorte com os cantores, com o Remix Ensemble e com a Orquestra Sinfónica Portuguesa. A escolha de Peter Rundel como maestro era, para mim, indiscutível. Mas os cantores foram escolhas suas ou do actual director artístico? Ouvei algumas gravações dos cantores, mas foi Christoph Dammann que me propôs o elenco. Como enquadra esta ópera em função do seu percurso anterior? Uma vez que o ciclo “A Criação” está concluído, pode dizer-se que

“Como sou ‘turista’, não me compete dizer o que está bem ou mal! Mas de há 20 anos para cá, a quantidade de música contemporânea que se toca, boa ou má, não tem nada a ver com a época da minha juventude”

“Ter um estilo reconhecível não é forçosamente sinónimo de qualidade. No que diz respeito ao estilo pessoal, é difícil explicar. A ideia de amor é diferente para cada um. Também cada compositor imprime uma marca na partitura, que não se vê, só se ouve”

ela inaugura outro ciclo? “A Criação” terminou com a “Lichtung III”. “Das Märchen” [“O Conto”] é ela própria um ciclo. Se houver outra ópera, não terá nada a ver com esta. Mas está a trabalhar paralelamente num projecto sobre Dostoiévski, a partir de “A Submissa”... Sim, mas é outra coisa. Goethe é Goethe, Dostoiévski é Dostoiévski. Mas o compositor é o mesmo... Aí não tenho escolha, é fatal! “O Conto” vai ser transmitida em directo para 14 teatros por todo o país, provavelmente vai ser vista e ouvida por pessoas que nunca foram à ópera antes. Acha que vai ser um universo de fácil acesso? Ou será um choque? A compreensão e a reacção do público preocupam-no?

Será certamente um choque para certas pessoas que vêm regularmente à ópera, como não será um choque para outras certas pessoas que nunca vêm à ópera. Todas as combinações são possíveis. Mas o facto de haver uma transmissão em 14 teatros espalhados pelo país é, para mim, uma acção extremamente importante de um ponto de vista de cultura social. Vive em Paris desde 1964 mas vem a Portugal regularmente. A vida musical portuguesa mudou muito nos últimos anos? Qual é a perspectiva de quem está no exterior? Como sou “turista”, não me compete a mim dizer o que está bem ou mal! Mas de há 20 anos para cá, a possibilidade de conhecer o que se passa, a quantidade de música contemporânea que se toca, boa ou má, não tem nada a ver com a época da minha juventude. É preto e branco. Hoje, o acesso às coi-

sas é incomparavelmente maior e tenho notado também um nível geral cada vez mais alto entre os alunos de composição que vêm aos meus seminários. Outro ponto, esse negativo, recorda-me uma frase de José Rodrigues Miguéis. Com um género de humor muito amargo, ele dizia: “Em terra de cegos quem tem um olho é rei, em Portugal quem tem um olho vaze-o!” Eu digo outra coisa: “Em terra de cegos quem tem um olho só tem um olho, não tem dois.”

Considera que para um jovem compositor português continua a ser essencial a experiência de ir para o estrangeiro? Não é a única. Eu de maneira nenhuma fui para fora para me especializar. Para alguém se especializar tem de saber. Para alguém tirar uma especialidade de medicina tem de ser médico. Mas a sua música seria provavelmente diferente se não tivesse saído de Portugal... Isso é pura especulação. Quem sai daqui pode ser músico ou não ser músico e quem fica também. Não é por sair de Portugal que alguém se torna compositor. É muito importante, mas não é a chave.

Qual é a chave? Não há chave. O que torna reconhecível o estilo de um compositor? Como se explica que em muitos casos este seja uma marca evidente e que outras vezes não se consiga distinguir as obras de um compositor das de outro?

É algo que acontece em todas as épocas. No tempo de Mozart havia centenas de compositores que hoje desconhecemos, que na altura eram reconhecidos. O grande compositor para Goethe, à parte de Mozart, que já tinha morrido, era um alemão seu amigo, Carl Friedrich Zelter, de que hoje ninguém fala. Goethe ignorava Beethoven e Schubert. Antes de responder à sua pergunta, ou melhor, de fazer um comentário, já que é uma pergunta sem resposta, devo fazer um parêntesis: também acontece reconhecerem-se imediatamente traços ou tiques de linguagem de um compositor sem que este tenha qualidade. Ter um estilo reconhecível não é forçosamente sinónimo de qualidade. No que diz respeito ao estilo pessoal, é difícil explicar. Por exemplo, a ideia de amor é diferente para cada um de nós. Não existe um conceito único e abstracto igual para toda a gente. É algo muito pessoal. Também cada compositor imprime uma marca pessoal na partitura, que não se vê, só se ouve. Mas o importante é a qualidade de cada momento, a qualidade de feita, mas não de uma feita tipo receita. O mais importante é a qualidade de cada momento, não são as ideias. De boas ideias está o inferno cheio!

O que é que esta música tem de especial?

Músicos, musicólogos e maestros falam do prestígio internacional de Emmanuel Nunes: qual é, afinal, a originalidade da sua música? A sua música é velha ou nova? Será a sua ópera terrivelmente aborrecida ou surpreendentemente enérgica? *Pedro Boléo*

Emmanuel Nunes viveu grande parte da sua vida entre a França e a Alemanha. Esse facto biográfico não chega, no entanto, para explicar todo o sucesso internacional, o apoio institucional e a veneração de que é alvo actualmente nos circuitos mais oficiais da música contemporânea europeia. Herdeiro assumido de Pierre Boulez e Karlheinz Stockhausen, Emmanuel Nunes seguiu um caminho próprio e não precisa hoje de fazer parte de nenhuma “vanguarda” estética para ser respeitado por muitos e ser considerado por alguns como um dos mais importantes compositores europeus. Mas também há quem rejeite a sua música, relativize a sua importância como compositor e deteste o que ele representa.

Fomos ouvir vozes que julgámos capazes de nos esclarecer: qual é, afinal, a originalidade da música de Emmanuel Nunes? A sua música é velha ou nova? Será a sua ópera

“Estou convencido de que a música de Emmanuel Nunes sobreviverá daqui a muitos anos. Tem força e está muito presente. Portugal devia estar orgulhoso deste homem”
Peter Rundel

Peter Rundel



PAULO PINENTA

Alexandre Delgado



PEDRO CUNHA

terrivelmente aborrecida ou surpreendentemente enérgica? A sua obra é um mero exercício conceptual ou sente-se de facto alguma coisa do que nos chega aos ouvidos? Ou resumindo: o que é que a sua música tem de especial?

Labiríntica

"Conheço bem há vários anos a música de Emmanuel Nunes", diz o musicólogo Philippe Albéra, ligado há muito a um dos mais conceituados grupos de música contemporânea franceses, o Contrechamps. Albéra gosta especialmente das obras de Emmanuel Nunes escritas há mais de uma década: "Sou crítico das obras em que usa electrónica ao vivo, em que quer organizar o espaço como faz com o som - o resultado é música mais rígida do que as composições de há 20 anos", diz o musicólogo. Para ele, a obra mais conseguida do compositor é "Quodlibet", de 1991. Albéra considera a música de Emmanuel Nunes muito pessoal e forte, e usa o termo "labiríntica" para a descrever: "É uma música estranha e poética. Perdemos-nos como num labirinto, mas de uma forma interessante. É imediata e ao mesmo tempo enigmática".

Eric Daubresse, compositor e responsável pela electrónica ao vivo de "O Conto" e colaborador de Emmanuel Nunes desde os anos 1990, destaca na música do compositor português "um notável domínio do tempo e a riqueza do seu trabalho com os timbres. É uma música onde há muitas cores". O especialista em música electrónica e seu colaborador regular no IRCAM (Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique, em Paris), onde Nunes criou "Lichtung" (I e II), explica que "O Conto" não explora as possibilidades de especialização da música que Nunes desenvolveu noutras obras. Para Daubresse, a música de Emmanuel Nunes é "rigorosa e muito construída mas também muito expressiva". Mas fala-nos também da importância de Nunes como professor no Conservatório Superior de Paris: "Há uma geração de compositores que aprenderam coisas com ele. Não se trata de uma escola, mas de um conjunto de compositores que seguiram a sua própria estética", tal como o próprio Emmanuel Nunes seguiu o seu rumo a partir do que aprendeu com Boulez e Stockhausen.

Segundo João Rafael, compositor e estudioso da obra de Emmanuel

"Ele vai cair no esquecimento total, vai ser varrido na voragem"

Alexandre Delgado

Nunes, ele naturalmente "absorveu aquilo que aprendeu. Uns aprendem técnicas e copiam. Mas ele não." Também o maestro Peter Rundel, que começou a tocar a música de Nunes na Alemanha quando era um jovem violinista há mais de 20 anos e hoje é um dos maestros mais "autorizados" (pelo próprio compositor) a dirigir as suas obras orquestrais, destaca a originalidade da sua linguagem musical. Rundel irá dirigir, no Teatro de São Carlos, a gigantesca partitura desta ópera. "Estou convencido de que a música de Emmanuel Nunes sobreviverá daqui a muitos anos. Tem força e está muito presente. Portugal devia estar orgulhoso deste homem."

Reconhecimento?

Quem não pensa assim é Alexandre Delgado, que considera a música de Emmanuel Nunes "execrável". Alexandre Delgado, músico, compositor e crítico musical, não poupa nos adjectivos e diz: "Nunes representa tudo o que detesto na arte musical - é música conceptual e horrenda. Dentro de uma certa vanguarda acham que ele é extraordinário. Mas é o apenas num meio muito restrito." Para Delgado, o sucesso internacional de Emmanuel Nunes "não é um sucesso junto dos melómanos. Mas junto de algumas pessoas fundamentais. É preciso ter os amigos certos nos sítios certos." João Rafael discorde: "Uma coisa é o êxito, que tem a ver com contactos, com a imprensa e com os media e não com uma apreciação de qualidade objectiva.

Mas o reconhecimento no caso de Emmanuel Nunes é porque a música dele é o que é. Não tem cunhas. Teve um reconhecimento progressivo." Para Alexandre Delgado "a música contemporânea continua a ser um gueto" e, por isso, a questão é apenas a de "saber entrar" no círculo. Segundo ele, Nunes conseguiu-o sobretudo graças à protecção da Fundação Gulbenkian. Sobre a música dele, diz sucintamente: "Estou no direito de odiar. Prefiro música pimba." E acrescenta com ácida ironia: "Nesse dia tenciono estar a quilómetros do São Carlos. Só por masoquismo é que ia aguentar um espectáculo de cinco horas com música de Emmanuel Nunes", diz.

João Rafael tem outra ideia desta estreia mundial. Para ele "Conto" será "um marco na história da ópera", e compara-a à importância da ópera "Wozzeck", de Berg, no século XX.

Mas estará esta discussão aberta apenas a maestros, especialistas da música contemporânea ou da ópera? Quem conhece afinal a música de Emmanuel Nunes em Portugal? João Rafael não pensa que a música de Emmanuel Nunes seja pouco conhecida em Portugal: "Claro que não é conhecido como o Marco Paulo. Mas a música dele sempre foi tocada cá, na Gulbenkian."

De facto, desde os anos 1970 que as suas obras (várias encomendadas pela Gulbenkian) são tocadas com alguma regularidade em Portugal. Mas hoje há mais grupos de música contemporânea e orquestras, por todo o mundo, a fazê-lo. E como ficou conhecido Emmanuel Nunes enquanto figura pública? Isso parece ser mais recente: "Julgo que foi sobretudo depois do Prémio Pessoa" (no ano 2000), diz João Rafael, que destaca também outros prémios atribuídos ao compositor, incluindo uma distinção da UNESCO.

Alexandre Delgado diz que Nunes foi "sacralizado e enlevado", e critica em concreto os elevados custos da ópera "O Conto" que, segundo ele, davam para "um ano de uma companhia de ópera" e representam "mais dinheiro do que para a Tetralogia de Wagner" (que o São Carlos tem vindo a apresentar). Para Alexandre Delgado, Emmanuel Nunes é um "sub-Boulez" ou, em alternativa, "um Lully", comparando-o ao famoso compositor da corte de Luis XIV. Mas vaticina: "Ele vai pagar a factura e vai ser brutal. Vai cair no esquecimento total, vai ser varrido na voragem." Delgado não acusa apenas o compositor e a sua música. Fala-nos também daquilo a que chama "a falta de coragem das pessoas". Segundo ele, "99 em 100 assumiriam que abominam aquela música. Mas preferem dizer que é muito interessante." Peter Rundel, admirador da música de Emmanuel Nunes, pensa que, pelo contrário, a música de Nunes pode interessar verdadeiramente mesmo aqueles que nunca tiveram nenhuma espécie de formação musical: "Mesmo sem 'background' ou conhecimentos musicais, se se é curioso e aberto pode-se sentir uma qualidade e uma força energética na sua música".

"O Conto" vai confirmar ou desmentir esta força, energia e originalidade que o maestro atribui à música difícil e controversa de Emmanuel Nunes?

Quem puder ouvir dirá de sua justiça.



DO REALIZADOR DE
WALK THE LINE

RFM
SÓ GRANDES MÚSICAS

SABADO

tvmais

CURTO CIRCUITO

Comemoração

OPERA

NÃO PERCA NOS CINEMAS

LINC **OPERA** LIONS GATE M/12-0